



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS

EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1642/05	DATA: 20/10/2005
INÍCIO: 10h55min	TÉRMINO: 13h00min	DURAÇÃO: 02h05min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 02h05min	PÁGINAS: 53	QUARTOS: 26

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

GILBERTO RIBEIRO – Delegado de Polícia Civil no Rio de Janeiro

HÉLIO SCIELZO BRUNET – Policial civil sob custódia, acusado de tráfico de armas e munições

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Texto *ipsis verbis*. Houve exibição de vídeo. Houve intervenções não registradas porque feitas fora do alcance dos microfones. Ao final do depoimento do policial sob custódia, Hélio Scielzo Brunet, a reunião passou a ter caráter reservado.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Havendo número regimental, declaro aberta a quadragésima segunda reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar as organizações criminosas do tráfico de armas.

Vamos ouvir hoje o Sr. Hélio Scielzo Brunet.

Quero fazer um registro. Infelizmente, a nossa Secretaria não liberou o recurso necessário para que pudéssemos ouvir o Sr. Nery Homero Rossi. Nós vamos fazer uma visita ao Presidente para colocá-lo a par. Como ele está chegando agora, vamos dar um voto de confiança para o Presidente e achar que isso foi um equívoco e que vamos superá-lo, acredito, a partir dessa próxima semana.

Convido o Sr. Hélio Scielzo Brunet a se sentar aqui.

Se tiver algema, pode tirar, por favor.

A informação que nós tínhamos é que o Dr. Gilberto Ribeiro não estava aqui. Então, nós vamos pedir para que o Sr. Hélio aguarde a oitiva, primeiro, do Dr. Gilberto Ribeiro, que vai nos colocar a par da situação.

Muito obrigado e desculpe o inconveniente de trazê-lo antes.

Dr. Gilberto Ribeiro, por favor, pode tomar assento à Mesa, aqui.

Dr. Gilberto, primeiro, queremos agradecer a sua presença aqui entre nós, agradecer ao Chefe da Polícia Civil, ao Secretário de Segurança por também proporcionar que o senhor esteja aqui conosco. A nossa CPI é basicamente de tráfico de armas e as vinculações das organizações criminosas com esse tipo de delito. A presença do senhor é justamente por causa dessa investigação, que redundou na prisão dessas pessoas, inclusive do Sr. Hélio Scielzo Brunet, que estava aqui entre nós.

Então, o senhor tem um tempo para fazer para reportar... Deputado, por favor, fique à vontade.

O SR. DEPUTADO JULIO LOPES - Meu querido Presidente Moroni, eu tinha pedido para falar contigo, porque queria apresentar o Delegado Gilberto, que é um dos mais destacados Delegados da nossa Polícia Civil e tem conduzido, extraordinariamente, investigações de maior interesse público, notadamente esta, que foi uma investigação que acabou resultando no *débâcle* de importantes traficantes de armas, enfim, de pessoas absolutamente nocivas à sociedade do Rio de Janeiro. Eu vim aqui acompanhando o delegado — porque, de fato, ele tem feito



um trabalho que merece nosso elogio — como cidadão e como Deputado representando aquele Estado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está feito seu registro.

Eu me orgulho muito sempre que um colega policial está aqui fazendo um bom trabalho.

O Dr. Gilberto tem a palavra, pelo tempo que desejar, para nos esclarecer acerca dessa investigação. Acredito, nunca é algo muito agradável ver que colegas estão se desviando do caminho real para um caminho do crime, quando deveriam estar defendendo a sociedade. Mas, de qualquer forma, é prioridade dentro da Polícia acabar com esses desvios de conduta.

Tem V.Sa. a palavra.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Bom-dia a todos. Acho que o que interessa é eu falar como se desencadeou a investigação. Eu trabalho na Delegacia de Divisão de Roubos e Furtos de Automóveis — DRFA, no Rio de Janeiro. No começo do ano, comecei a investigar a quadrilha que roubava veículos lá no Estado. No desenrolar das investigações, a gente percebeu que parte da quadrilha participava também de outros tipos de assaltos, não só de veículos. Na realidade, eles usavam sempre uniforme da Polícia Federal ou Polícia Civil e praticavam grandes assaltos, seja a casas de câmbio, seja a estabelecimentos comerciais e tal. Essa quadrilha foi monitorada durante um período; parte dela acabou sendo morta em um confronto com a polícia, outra parte a gente prendeu. E alguns integrantes dessa quadrilha faziam contato com um traficante da favela do Rio. Esses traficantes, então, passaram a fazer contatos com um químico, em São Paulo, para multiplicar a cocaína pura que eles adquiriam. Então, nós fizemos o monitoramento dessa outra quadrilha de traficantes. Esse químico acabou sendo preso juntamente com um bombeiro militar do Estado do Rio de Janeiro e com o irmão desse bombeiro. Sucede que um desses traficantes fazia contato com um outro traficante do Morro do Turano, que era o traficante conhecido como Berola, no Rio de Janeiro, que é um dos maiores traficantes da nossa cidade. Esse Berola usava uma determinada linha telefônica. Quando nós identificamos que ele estaria usando aquela linha, nós pedíamos a interceptação telefônica dessa linha. Sucede que nós percebemos que algum tempo depois ele não usava mais a linha. Aí nós descobrimos que ele pegou emprestado esse telefone e usava de vez em quando, e que, na realidade, quem



usava esse telefone era um sujeito chamado pela alcunha de Coroa, que era a pessoa que entregava o armamento para as favelas, ali, da área da Tijuca e também para algumas favelas da Zona Sul, notadamente Pavão, Pavãozinho e Santa Galo. Então, nós começamos... Continuamos monitorando esse Coroa e, aí, o trabalho veio, vamos dizer assim, do fornecedor final, quer dizer, o último fornecedor, a pessoa que entregava as armas e a munição para o traficante, e nós viemos de lá para cá, até chegarmos a 3 fornecedores que eram freqüentes. Então nós monitoramos esse telefone, daí começou a se comunicar com ele um taxista, que era conhecido como Dinamite, que vem a ser o Roberto. Esse taxista, por sua vez, falava com o irmão, que é um policial civil da Delegacia de Homicídios, o Reinaldo. Esse Reinaldo, então, fazia contato com o Brunet, que é esse senhor que esteve aqui agora há pouco, que era o responsável pelo controle...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso tudo foi na escuta telefônica?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Isso tudo foi na escuta. O único que não caiu na escuta, porque nós tivemos um problema e essa parte da investigação vazou. Então, em determinado momento, nós descobrimos, interceptamos uma conversa do Dinamite com o Coroa em que ele diz que estava todo mundo grampeado, para ele deixar de fazer qualquer tipo de entrega, enfim, para ele parar. No entanto, o Coroa, acho, não acreditou e continuou fazendo contato. Só que ele não pegava... Passou a não buscar mais as munições com os policiais civis. Ele começou a buscar munições com um policial militar, que é o José. E esse José buscava as munições de várias fontes. Entre elas o policial militar — acho que é Tenente, se não me engano — Aurélio, do 6º Batalhão, Batalhão ao qual ele também estava vinculado. Então, o José passou a ser a outra linha de fornecimento de munição para o Coroa. Esse José também buscava munições com o Rossi, que é proprietário de uma loja de armas e munições. Então, ele buscava, conseguia essa munição junto ao Rossi e junto ao 6º Batalhão. Reserva de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Aurélio?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É. Junto ao Aurélio. Existia uma outra pessoa que fazia, vamos dizer assim... Era um segurança de rua, que era funcionário, empregado do José, desse Sargento PM José. Então, esse segurança de rua também fazia, recebia, fazia entregas ao Coroa, atendia ao Nery, Nery Rossi. Então,



ele recebia essas armas, essas munições, passava ao Coroa, entregava para o José, quer dizer, ele fazia ali um meio de campo. No final, no último dia... Na última semana de investigação, para nossa surpresa, voltou a entrar um funcionário do DFAE, que foi o Lorenzo. Quando o Dinamite pediu 3 caixas de munição ao Lorenzo, ele fez a entrega. Então, nós identificamos, por meio de interceptação telefônica, o Lorenzo, que é policial civil lotado no DFAE; o Brunet, que é o chefe do setor de armas e munições do DFAE; o Reinaldo, que é um policial civil da Homicídios; o José, que é Sargento PM do 6º Batalhão; o Aurélio, que é Tenente, responsável pela reserva de armamento do 6º Batalhão; nós identificamos a esposa do Coroa, que também conversava e encomendava munições com o Roberto, o Dinamite. Enfim, nós identificamos o Coroa, e identificamos também um outro policial civil de uma delegacia da Baixada, que eu não me lembro qual é, acho que é a Delegacia da Posse, se não me engano, que também foi contatado pelo Coroa para fazer entrega de 3 carregadores. Então, em resumo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É um desses 2 aqui?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - O Jorge, o Jorge.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É policial civil?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Policial civil. O Fernando é o segurança da rua.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse Coroa está preso ou está solto?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Está preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Coroa está preso também?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Está preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse é um traficante lá desse morro?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Hem?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse Coroa era o traficante que, no fundo, era o receptador, digamos, de...

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É o último receptador. É o distribuidor para os morros da Tijuca. É ele que distribui armas e munições para os morros.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conseguiram prender ele também nessa mesma operação?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Prendemos ele, a esposa, o Brunet. Na realidade, prendemos todos que foram identificados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Nery também?



O SR. GILBERTO RIBEIRO - O Nery também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito bom.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sabe o tempo em que acontecia isso?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Olha só, dizer assim com exatidão é difícil. Nós temos um depoimento do Roberto, do Dinamite, em que ele diz que já buscava munição lá no DFAE há algum tempo, há alguns anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Alguns anos?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Brunet se dispôs a falar, prestou depoimento, se negou a falar?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não. Ele falou, vamos dizer assim, o mínimo. E, na realidade, ele simplesmente nega a participação no esquema. O Roberto Dinamite foi o único que falou. Falou assim meio no susto. Assim que ele chegou lá, percebemos que ele estava assustado, e aí nós...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que ele falou?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Ele falou que realmente pegava, que fazia entrega para o Coroa, que pegava lá no Brunet, enfim, que tinha apanhado munição também com o Lorenzo. Ele admite toda essa mecânica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Coroa falou alguma coisa?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - O Coroa não fala, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De minha parte, é o suficiente. Acho que o delegado vai acompanhar conosco, aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No depoimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pode ir nos ajudando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Passo a palavra ao Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Gilberto, diferentemente do outro Roberto Dinamite, que é bom de bola e que fazia muitos gols, esse aqui arranjava armas, dava outros tiros.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Faz gol contra.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Faz gol contra. Eu queria, primeiro, saber o seguinte: pelo que nós verificamos aqui, o esquema é amplo: ele funcionava numa garagem, tinha uma loja também de armas e tinha várias casas também onde foram identificadas... Algumas não encontraram, mas tinha pessoas que foram identificadas. Interessante são os diversos bairros em que essa ação era comandada. Por exemplo, havia ação no Centro, Pechincha, Ramos, Encantado, Grajaú, Água Santa, Tijuca, Benfica e Andaraí. Ou seja, era uma ação não localizada, era uma ação articulada. Nessas regiões todas, vocês conseguiram também identificar esse tráfico de armas, ligado àquilo que o senhor dizia, que tinha uma parte que estava ligada a roubo de carros, outra parte ligada ao tráfico de drogas, que também era municiado pelas armas. Como é que se dava essa articulação entre as diversas regiões do Rio de Janeiro?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Olha só, quando eu falei da quadrilha que roubava veículos, dessa de traficante, do químico e tal, foi para mostrar de onde é que surgiu. Isso não surgiu de um informe qualquer, que eu fui verificar. Começou com a investigação de veículos. Quer dizer, não tem nada a ver com essa de tráfico, mas é porque o crime está entrelaçado, as modalidades criminosas estão entrelaçadas entre si. Então a gente começou com a quadrilha que roubava veículos. Parte dessa quadrilha também praticava assaltos e uma outra parte dessa quadrilha tinha vinculação com o tráfico. Essa quadrilha de traficantes se comunicava lá com um traficante específico, que é do Morro do Turano, que é o Berola. Então, na realidade, a gente começou com uma investigação, passamos para uma outra e ramificou para uma outra. Essa outra, que se ramificou, ramificou para mais uma, e daí passou lá para o Turano, que é a base efetivamente. Esses endereços todos que estão aí são endereços... Alguns a gente identificou como locais efetivamente de guarda de armas e munições, especialmente a casa ali do Coroa. Outros são as residências dos indiciados, das pessoas que foram indiciadas. Então, fomos lá para conferir, para ver se tinha algum documento, para ver se tinha alguma arma, alguma munição e tal. A parte do... Um dos locais era a loja, porque esse Nery Rossi era dono de loja de armas e munições. Então, ele tinha armas e munições de calibre permitido e tinha armas e munições de calibre proibido. Armas, não, munições. Desculpem, armas ele não tinha, eram munições de calibre proibido, calibre 45, fuzil. E tinha, inclusive, 2 petardos lá, que eu não sei exatamente... Tem



lá uma nomenclatura, mas duas ogivas de... Enfim, um petardo desses daí que eu não conheço, não sou conhecedor de armamentos. Enfim, ele... Agora, é interessante perceber que, nas caixas de munições que conseguimos apreender, todas elas estavam com o código de barras adulterado — quer dizer, rasgado ou arrancado ou rabiscado —, para dificultar o rastreamento. Então, isso é indício de que a origem daquela arma e daquela munição, mesmo a de calibre permitido, ela tem uma origem ruim. Enfim, muitos desses endereços a que a gente foi são de residências.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mais alguns de vocês encontraram armas, em alguns endereços?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Em alguns, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Uma outra coisa que queria saber é sobre essa conexão Brunet e o Tenente Aurélio. Parece que era...

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não, na realidade, o Brunet ia até o Coroa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas...

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É uma linha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - São vários elos de uma corrente que chega ao Coroa. Depois, quando... Eu falei que vazou. Quando a gente chegou lá dentro do DFAE, a investigação vazou. Lamentavelmente, porque senão eu teria feito um trabalho melhor. Mas vazou. Aí o Coroa, como secou essa fonte, passou a buscar em outras fontes.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Essas fontes sempre levavam ao José e o José, então, chegava ao Nery, e chegava ao 6º Batalhão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vocês investigaram se havia, mesmo depois dessa ação que vazou, alguma conexão entre o Brunet e o Aurélio, antes mesmo de vocês identificarem essa ação? Se havia já uma conexão de troca de armas de um para outro, para fornecer ao pessoal ligado aos traficantes?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Olha, a gente não... Não fizemos esse tipo de trabalho, até porque a gente acredita que não tenha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem.



O SR. GILBERTO RIBEIRO - Entendeu? Eu acho que a gente, seguindo toda a linha de investigação, como a gente seguiu, e passo a passo os fornecedores, a gente percebe que não tem. Na realidade, quem centraliza todas as... vamos dizer assim, esses contatos é o Coroa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o Coroa... Todos eles se encontravam no Coroa?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Todos eles se ligavam ao Coroa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Uma outra coisa é sobre a linguagem que eles usavam. Era uma linguagem de senhas, cifrada...

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Cifrada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... onde, normalmente, Antônio Calado significa que era um AK-47 que eles tinham?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Isso, isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É toda uma linguagem. Isso vocês só conseguiram perceber a partir da escuta que foi realizada?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É comum entre todos eles, por exemplo, até a relação que se diz Patrão...

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Coroa também era chamado...

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Era chamado de Patrão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Patrão, não é? Também o caso daquele bombeiro que esteve aqui, do Corpo de Bombeiros, que também foi... Era também usado como Patrão, "meu Patrão". Os traficantes também usavam muito essa linguagem: "*Patrão, precisamos de ter alguma coisa.*" Agora, dentro dessas figuras aqui, o Coroa, o Brunet, o Aurélio... A outra figura chave seria o taxista?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não, o taxista... O que acontece? O taxista, na realidade, ele era o transportador.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Transportador?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É, porque o irmão é que ia buscar lá na DFAE e entregava para o taxista, nos fundos do prédio lá do DFAE. Tanto é que, nas interceptações, ele falava: "*Estou indo para aí*" ou "*Estou chegando aí*", e tal. "*Ah, estou aqui no paredão.*" O paredão é um muro comprido que tem ali na Rua do



Senado, por trás do prédio do DFAE, ali próximo ao Corpo de Bombeiros. É um muro longo. Então, ele dizia: “*Estou aqui no paredão.*” É o local, é o ponto de encontro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E qual era o papel do Nery Rossi nessa conexão toda?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Ele fornecia munições também. Armas e munições... Armas a gente não pegou, mas com certeza fornecia. Mas munições, com certeza. A gente pegou ele inclusive fazendo entrega. Nós filmamos e tal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas tinha... Esse era o dono da Rio Armas?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foram encontradas armas que não tinham registro, que eram armas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só para entender. O senhor perguntou do Brunet. O Brunet não era o dono da loja.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, o Nery.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É o Nery.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Nery.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, o Nery?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Nery. Tinha armas que não estavam registradas ou catalogadas? Porque me parece que tinha... O código de barras tinha sido...

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Munições tinham várias de calibre proibido, de uso restrito. E mesmo aquelas de calibre permitido tiveram o código de barras adulterado para inviabilizar o...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E de onde esse Nery conseguia essas armas? Como é que foi ... Ai eu sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eram armas de fabricação nacional?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Armas de fabricação nacional. Deixe eu ver se a gente pegou alguma de fabricação estrangeira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que era? Taurus? Pistola?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Tinha revólver... Pistola a gente pegou também. Mas olha só, eu vou lhe falar com franqueza que essa parte das apreensões eu não



me lembro porque foi quantidade muito grande. Eu me lembro que a gente apreendeu muita coisa, muitas munições na loja do Nery, como também apreendemos vários canos de revólveres, separados assim, quer dizer, ele tinha desmontado armas e guardado os canos. Ele tinha um estoque de canos, um negócio que a gente não vê uma utilidade, *a priori*, para eles. Armas, eu acho que tinha poucas armas, mas eu não me lembro assim, com exatidão, a quantidade. Eu sei que armas de origem estrangeira a gente pegou algumas na casa dos policiais, mas armas acauteladas. A Polícia Civil acautelou com eles. Então, a parte da origem dessas armas a gente a rigor sabe porque é acautelamento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E essa conexão com São Paulo?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Conexão com São Paulo?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, você falou de um médico que tinha uma relação de alguns deles com São Paulo.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Eu falei isso com relação ao químico, que vinha de São Paulo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O químico, pois é. Esse químico... Era só essa relação do químico?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque pelo que nós verificamos aqui em outros depoimentos, inclusive de São Paulo, houve uma conexão muito grande entre traficantes de armas de São Paulo e traficantes também do Rio de Janeiro. Inclusive de pessoas que estavam presas lá, do Terceiro Comando e que tinham conexão também com o Comando Vermelho. Então, se vocês... Nessa relação com o químico, se também vocês conseguiram investigar essa possível conexão entre São Paulo e Rio de Janeiro, com relação não apenas ao tráfico de drogas, a multiplicar a cocaína, mas também com relação ao tráfico de armas. Porque um depoimento que nós tivemos aqui de uma pessoa que se encontra presa e que tem colaborado é que há uma conexão profunda entre as organizações criminosas que estão em presídios em São Paulo com organizações do Comando Vermelho no Rio de Janeiro. Investigaram isso, ou estão investigando ainda?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não, olha só. A gente identificou essa conexão Rio/São Paulo no que diz respeito ao tráfico de entorpecentes, à multiplicação. E a gente, na interceptação desse químico, também a gente via que ele tinha vários



contatos em São Paulo e que ele multiplicava droga lá também. Então, ele ia.... Ele era convidado regularmente. De 15 em 15 dias, ele ia ao Rio de Janeiro para multiplicar drogas. Com relação à arma, nessa investigação que a gente realizou, não se falou em armas. Com relação ao químico, São Paulo e tal, não se falou em armas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É porque... Ou seja, a droga passava a ser uma moeda de troca ou de compra de armas e vice-versa. Quem tinha mais ou quem não tinha... Quer dizer, normalmente se pagava armas com droga, porque um tinha droga mas não tinha arma. Então havia uma troca nessa relação e vice-versa. Então, vocês... Quer dizer, pegaram essa relação com o químico, mas acho que é importante, porque, pelo que nós verificamos, a conexão é profunda, ou seja, inclusive no Comando de Caça do pessoal de São Paulo eles tinham uma vinculação e chamam o Comando Vermelho de aliado. "*São nossos coligados*". Está lá na relação. Há uma coligação, coloca-se como partido, tendo uma coligação com o Comando Vermelho. Acho que é importante essa investigação, porque muita coisa pode aparecer nessas investigações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem dúvida. Obrigado, Deputado Luiz Couto.

Pergunto ao Deputado Jovino se gostaria de fazer alguma pergunta. *(Pausa.)*

Deputado Julio Lopes, V.Exa. quer fazer alguma pergunta?

Bem, esses policiais todos, eles não se manifestaram?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Eles negam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas mesmo com as escutas, com tudo?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É. Na realidade, o Reinaldo foi um dos que... O Brunet se apresentou na DFAE e depois veio... Se apresentou na Corregedoria, melhor dizendo, se apresentou na Corregedoria, depois veio prestar um depoimento na Corregedoria, e depois veio preso até a DRFA. E na DRFA ele prestou umas declarações em que não diz muita, simplesmente ele nega, diz que não tem envolvimento. O Reinaldo disse que estava sendo...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só gostaria de saber: do Brunet, vocês têm gravações, tem filmagens?



O SR. GILBERTO RIBEIRO - Se o senhor quiser ver o que nós temos, tem um CD aqui, talvez possa ajudar. Não sei se eu posso deixar, porque isso é sigilo, mas...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É filmagem, com parte das interceptações.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Eu preferia que vocês requisitassem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É, vamos requisitar. É imagem?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - É imagem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, vira ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nós vamos... Vira para cá, até para não ficar. Não, para a gente só olhar aqui não precisa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vira o monitor para cá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só os Deputados vêm para cá para olhar.

(Exibição de video.)

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso é do Brunet?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não, isso é toda a operação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, sim.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Quer dizer, são vários trechos, filmagens, as entregas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas aparece o Brunet?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não, o Brunet a gente não conseguiu interceptar, porque no dia que a gente conseguiu a autorização para interceptar, a investigação vazou. Mas eles se referem: "*Vou pegar lá com o Brunet, vou buscar com o Brunet*", e tal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles dizem isso?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Falam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem? O Reinaldo, o Roberto?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Os dois, o Reinaldo e o Roberto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Reinaldo e o Roberto disseram que iam pegar com o Brunet. E o Lorenzo?



O SR. GILBERTO RIBEIRO - O Lorenzo, quando o Brunet fechou, percebeu que estava sendo... Ficou avisado, foi avisado que estava sendo monitorado, eles pararam de buscar munições no DFAE.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem áudio?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Tem áudio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, mas o áudio não tem... E aí tem que ligar em cima. Deixa, vamos só dar uma olhada. Mesmo porque não está reservado, depois eu peço para o Manoel para fazer um ofício, que aí depois a gente faz a cópia.

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Isso. Eu mando, não tem problema. Acho melhor passar mais perto, senão... Esse Marechal foi preso pela Entorpecentes Oeste.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esse é o Coroa?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Esse é o Coroa, o que distribui é o Coroa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acho que pode tirar, vamos depois ouvir, porque seria interessante se tivesse alguma gravação do Brunet.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vamos requisitar cópia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, vamos requisitar cópia e dá para a gente ver. Pode tirar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não se lembra do Tenente-Coronel Paraíso?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não me é estranho, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É um que era Tenente-Coronel dos Bombeiros.

Bem, doutor, o senhor teria mais alguma coisa a acrescentar?

O SR. GILBERTO RIBEIRO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, eu convido o senhor a sentar ali com o nosso pessoal. E vamos chamar, então, o Hélio Scielzo Brunet. *(Pausa.)*

Tendo completado o *quorum* para a votação de requerimentos — para a investigação já tinha —, coloco em apreciação a ata da 41ª reunião. Pergunto se há necessidade da leitura.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dispensa, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputado Luiz Couto.

Dispensada a leitura, coloco em discussão a ata da 41ª reunião. *(Pausa.)*

Não havendo quem queira discuti-la, coloco-a em votação.

Aqueles que a aprovam permaneçam como se acham. *(Pausa.)*

Passo a Presidência ao Relator, para que possamos votar um requerimento de minha autoria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) - Requerimento nº 155, de 2005, de autoria do ilustre Deputado Moroni Torgan, Presidente desta Comissão Parlamentar de Inquérito. Solicita que seja convocado, na qualidade de testemunha, o Sr. Marcelo Fetter, para prestar depoimento a esta Comissão Parlamentar de Inquérito por haver indício de envolvimento no comércio ilegal de armas.

Em discussão.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - A razão é que o Sr. Marcelo Fetter foi preso junto com o seu irmão, Vitor Fetter, por seu envolvimento com a quadrilha Catuaba, no tráfico internacional de armas, investigada durante a Operação Serra-Luz-Noia. Então, essa é a razão de estarmos convocando ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) - Em discussão. *(Pausa.)*

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Os Deputados que concordam permaneçam como estão, os que discordam se manifestem de outra forma. *(Pausa.)*

Aprovado, por unanimidade.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) - A palavra está com V.Exa. novamente, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Já pedi a vinda do Sr. Hélio Scielzo Brunet. Pode sentar e, se estiver algemado, podem tirar a algema, por favor. *(Pausa.)*

Sr. Hélio Scielzo Brunet, há algumas acusações que pesam contra o senhor. Há algumas denúncias que vimos aqui contra o senhor. O senhor tem a oportunidade, na CPI, de colaborar conosco no que tange a esse problema de tráfico de armas, de expressar a sua versão sobre os fatos. Depois, os Deputados vão lhe



perguntar alguma coisa. O senhor tem a palavra inicial para poder falar a sua versão sobre tudo o que aconteceu.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, realmente, primeiro gostaria de agradecer a oportunidade de estar presente a esta CPI, e dizer que foi uma investigação realizada pela Delegacia de Roubos e Furtos de Automóvel. No resultado dessa investigação, através de escuta telefônica, mencionaram meu nome, Brunet, e mencionaram na escuta que eu ia ao DFAE. Quero dizer que o nome Brunet é igual a um rótulo de cerveja ou mais mencionado que Bombril. Estou há 43 anos de serviços dedicados à Polícia Civil, instituição que amo muito e a que sempre me dediquei. Tenho 63 anos de idade. Estava há 15 anos dirigindo, administrando com muito orgulho, muita garra e cautela o Serviço de Armamento Patrimonial, unidade pertencente à Divisão de Fiscalização de Armas e Explosivos. O mundo policial civil, que hoje totaliza aproximadamente 12 mil, o mundo da Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Justiça, Ministério Público; Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Prefeituras dos Estados do Rio de Janeiro, a Assembléia Legislativa do Estado, todas essas instituições procuram Brunet para receberem armamentos, pistolas, fuzis, munições e equipamentos — equipamentos são coletes, etc. O meu nome é muito mencionado no telefone. Eu nunca me importei. Eu tinha 2 aparelhos telefônicos a meu serviço, no meu gabinete, e tinha meu celular, celular da polícia. Nunca me importei com gravações, grampos telefônicos, porque honro o que faço, sempre honrei o nome dos meus pais, cultura antiga da decência e da dignidade. Quero dizer aos senhores o seguinte: na realidade, uma das minhas funções no Serviço de Armamento Patrimonial é fornecer, para uso policial — aos policiais e toda essa gama de outras instituições que acabei de dizer, que eu forneço —, as munições em caráter individual e as munições em caráter das unidades policiais. Então, digamos, vem uma delegacia policial receber armamento, ela vem com um documento vistado ou não pelo delegado diretor da divisão. Eu forneço essa munição na nossa recepção. No momento em que ela sai do balcão da recepção com destino ao órgão peticionário, eu não tenho mais o controle. A autoridade policial que assinou, que pediu essa munição é que tem que verificar se esse quantitativo chegou à unidade naquilo que foi fornecido. Assim como os fornecimentos de munições de todos os calibres aos policiais em caráter individual, eu também não tenho o controle. A partir do momento em que ele recebe a munição,



passando recibo, assinando livro, fica constatado na ficha dele que ele recebeu aquela munição no seu período próprio, eu não tenho mais o destino. Agora, quando 2 amigos resolvem beber uma cerveja, eles dizem assim: “*Vamos beber uma Skol?*” Eles não falam “*Vamos beber uma cerveja*”. É o meu caso, eu sou a Skol. Ninguém diz, quando quer ir ao DFAE, para fazer qualquer tipo de trabalho a respeito de armas, munição e equipamentos, não diz: “*Vou ao DFAE*”. Ele diz: “*Vou lá no Brunet, vamos no Brunet*”. Assim são desembargadores, juízes, promotores, defensores, Deputados, Vereadores, tudo no Estado do Rio de Janeiro. Corpo de Bombeiros. Uma gama de armas está à disposição da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros, assim como munições vão para lá também. É muito difícil interpretar. Escutei, ouvi por várias vezes toda a escuta. Interpretar DFAE ou Brunet, isso é diariamente. São dezenas. Eu recebia lá, em média, 100 telefonemas, no mínimo, por dia, pedindo arma, distintivo, colete, armamento, fuzil, pistola etc. Então, me pasma muito que meu nome tenha sido mencionado nessa investigação, que poderia ser muito mais apurada se me chamassem, um homem com 43 anos de polícia, que está há 15 anos dirigindo uma unidade, onde ali gravitaram diversos diretores, mais de 50, e eu sempre no trabalho efetivo, correto e com muita cautela. Para dirigir a unidade que dirigi, precisava muito cuidado, muito exemplo, muita firmeza e muita dedicação. Quero dizer aos senhores que, se procurar adiante, não tem só essa escuta no meu nome, não, tem muitas outras. Por quê? Na realidade, o Brunet é muito procurado. É mais procurado, às vezes, que um chefe de polícia, diariamente. Mais que o diretor da DFAE. Por quê? Porque são muitos anos dedicados, fazendo muito pela instituição que sempre amei. Não estou aposentado com 43 anos, porque eu queria me aposentar até quando a lei me permitisse, na “expulsória”, porque gosto do que faço, sempre gostei. E a coisa que eu mais gostaria na minha vida era de voltar a dirigir essa instituição de que me destituíram de maneira violenta, intempestiva. Tomaram-me a chave e nem me deixaram fazer uma auditoria junto ao Tribunal de Contas dos quantitativos de armas, equipamentos e munições que lá deixei, porque me tomaram a chave de forma violenta. Entreguei a chave a um outro servidor, em quem não deposito, nunca depusitei confiança. Daí, ele entregou a um outro que lá está dirigindo a duras penas, pois pouco conhece aquele trabalho. Mas me chamaram, depois de preso, 10 dias, me chamaram para eu colaborar, dizendo como era a atividade própria do serviço de armamentos. Fui lá



com boa vontade, passei o dia, ensinei todos eles como era a atividade, voltando à prisão. Então, senhores, o meu nome é muito mencionado. Cada um menciona de uma maneira, cada um fala de uma maneira. Agora, quero dizer aos senhores o seguinte: aquela munição exibida nas comunicações, na imprensa escrita, radiofonada, televisada, não pertence à Polícia Civil, não pertence ao DFAE. A Justiça do Estado me perguntou: *“A quem pertencem aquelas munições?”* Podem pertencer a outros órgãos: Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal. Podem ser munições recarregadas, mas à Polícia elas não pertencem. E eu fiquei sabendo que, em depoimento de um dos acusados, ele declarou que a munição que ele adquiria era via Paraguai, coisa assim. As munições não eram. Aquele armamento, que se exibiu nos jornais pela DRFA, exibia outras armas. Na minha casa apenas arrecadaram 2 armas: 1 pistola calibre 380, calibre permitido, registrada na Polícia Federal; e 1 revólver calibre 38, calibre permitido, pertencente à Polícia Civil, que estava sob minha cautela, devidamente acautelada. Pegaram 4.400 dólares e 23 mil reais, dinheiro de árduos anos de trabalho paralelo de segurança, realizado anos e anos. Ganhei muito dinheiro fazendo... Quando ingressei na Polícia, eu ingressei muito novo, com quase 20 anos de idade. Naquela época, a Polícia do Estado do Rio... Até hoje os agentes ganham muito mal e, para complementar a receita familiar, para conseguir uma casa própria, um carrinho melhor ou coisa assim, ele tem que exercitar um serviço externo, deixando de cumprir a sua obrigação. Mas ele faz o serviço externo. E assim eu fiz. Trabalhei muitos anos fazendo segurança. Trabalhei com burguês do petróleo, do feijão, do milho, da soja. Por último, há 10 anos, dirijo Van. Tenho uma Van — tinha, porque eu vendi, porque operei o joelho e não posso mais dirigir. Trabalhei com transporte alternativo, fazendo viagens ao centro da cidade, em fins de semana, aos hotéis-fazenda existentes no interior da cidade do Estado do Rio de Janeiro. Então, quero dizer aos senhores que sempre levei uma vida proba, decente e correta. Foi assim que meus pais me ensinaram. Eram italianos e franceses. Não admitiam... Se eu levo meu filho, um lindo garoto de 25 anos, e uma bela mulher... Vivo muito bem em família, tenho uma família espetacular. Não são 43 anos de serviço público que eu ia jogar no lixo. Eu sempre fui decente. Eu não admito isso. Eu achei que faltaram as cautelas devidas. Deviam me chamar: *“Brunet, seu nome está sendo mencionado”*. Eu ia ajudar. Eu ia dar corda, até para chegar a uma situação de maior grandeza



dentro da investigação. Mas se precipitaram. Eu acho que se precipitaram. Ou se precipitaram ou havia nisso uma conexão, um interesse político. Só pode ser, porque o DFAE é do Dr. Álvaro Lins, o Diretor do DRFA, Dr. Gilberto. Parece uma conexão. Eu não sei o que está havendo ali. Eu achei muito estranho. Não havia necessidade disso. Se levassem... Não precisavam nem levar às autoridades. É isso o que tinha a dizer aos senhores. Quero agradecer. Eu precisava muito desta oportunidade. O mesmo falei à 20ª Vara Criminal da Capital do Rio de Janeiro. E estou à disposição dos senhores para todas as perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pela manifestação de V.Sa., fica claro que o senhor tem pleno conhecimento das acusações que pesam a respeito da sua pessoa. O senhor já, antecipadamente, falou que tem 43 anos de polícia, que já estava há 15 nessa função, na DFAE. Qual é o seu patrimônio?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Meu patrimônio? Eu tenho uma casa no Bairro do Encantado, Rua José Domingues, 165, Bloco 2, apto. 203. Eu tenho um carro Fox 2004, comprado à prestação em 12 vezes. Eu tenho um terreno em Pati do Alferes, de 1 mil metros quadrados. Eu tenho um terreno também em Mendes, todos adquiridos em 1980 e 81.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Qual é o seu salário na Polícia?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Atualmente... Era R\$ 3.100,00, mas veio R\$ 2.610,00, atualmente. Não estou sabendo qual foi esse desconto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E o senhor tinha uma renda paralela?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Sempre tive. Sempre trabalhei com segurança e outras rendas paralelas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Agora, mais recentemente, o senhor não trabalhava mais como segurança?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, agora eu parei, porque eu operei o joelho, fiz uma prótese no joelho e o médico recomendou que trabalhar com transporte coletivo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando é que operou o joelho?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Operei o joelho faz uns 3 anos mais ou menos, mas continuei a trabalhar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De 3 anos para cá, o senhor trabalhava com atividade paralela. Que atividade era essa?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Transporte coletivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor continuava com a Van ?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Com a Van. Deixei a Van há 8 ou 9 meses mais ou menos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa renda extra lhe dava um rendimento mais ou menos de quanto por mês?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Por dia, em torno de R\$ 140,00, e, fim de semana, em torno de R\$ 450,00 mais ou menos, pelas viagens aos hotéis.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor tinha essa renda extra. Se nós...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu vendi também alguns terrenos que eu tinha, também comprados em 48 meses, em Nova Pequena. Vendi 2 terrenos em Nova Pequena.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A sua esposa tem algum patrimônio no nome dela?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não tem não. Ela só faz alguns serviços caseiros, como...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem nenhum patrimônio no nome dela?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - No nome dela? Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E dos filhos?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Também não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Portanto, a quebra do sigilo bancário do senhor não vai revelar nenhum tipo de movimentação financeira diferente dessa que estamos nós aqui...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Absolutamente. Está à sua disposição.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vamos encaminhar essa solicitação, Sr. Presidente.

O senhor conhece o policial Reinaldo?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Trabalhou na minha unidade por 1 ano e 8 meses, aproximadamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Qual é a sua relação com o Reinaldo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Houve na época, Excelência, no ano de 2003, uma necessidade de a chefia de Polícia Civil remanejar alguns servidores de algumas unidades no âmbito da Polícia, e eu tive que apresentar 7 nomes, e o Reinaldo foi um deles. Ele foi trabalhar em Niterói, de Niterói foi para outro órgão, depois veio para a Delegacia de Homicídios, onde estava até o presente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor conhece o irmão dele, o Roberto?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Vim conhecê-lo pessoalmente numa apresentação, onde, após sairmos todos do DFAE, ele estava com o carro dele, um táxi, para dar carona ao Reinaldo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No DFAE tem algum outro Brunet?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Sim, era o meu sobrinho. Já saiu de lá há muitos anos, está na Delegacia de Turismo agora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo, mais recentemente, portanto, o único Brunet que tinha lá era o senhor?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - O único Brunet sou eu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. No trabalho de investigação, que o senhor já manifestou aqui que conhece, o senhor sabe que na interceptação telefônica aparece, em várias oportunidades, conversa entre o Roberto. O senhor sabe o apelido do Roberto? Do Roberto?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o apelido dele? O senhor sabe?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Roberto? O apelido dele?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não sei não. Roberto, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Roberto.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Roberto é irmão do Reinaldo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É, o irmão do Reinaldo.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, do Reinaldo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em várias oportunidades — não é nem 1 nem 2 — o Reinaldo Gimenez Conde...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...ele diz claramente, descreve claramente a participação do Brunet, da Divisão de Fiscalização de Armas e Explosivos, órgão da Polícia Civil, como parte desse esquema de fornecimento ilegal, principalmente de munição para traficantes. Por que razão o senhor acha que o Reinaldo envolveu o senhor nessa história?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Olha, eu, pela data que eu observei aí, houve uma ocasião — eu não sei — em que o Dr. Álvaro, ex-chefe de Polícia, ele criou a Delegacia de Homicídio Forte. Era uma unidade destinada à investigação de crime contra policiais. E parece — que eu me lembre — que o Dr. Carlos Henrique, Diretor da Delegacia de Homicídio, onde o Reinaldo estava lotado, foi à minha unidade e me disse que havia a necessidade de um fornecimento de pistolas, fuzis e coletes para a Delegacia de Homicídio Forte, recém-criada. Eu falei com ele para voltar ao Dr. Carlos e dizer que no momento nós não tínhamos, porque arma no patrimônio da Polícia não tínhamos. E armas de apreensão — tanto fuzil como pistolas — nós não podíamos mais fornecer em razão da lei. Bem, então ele, assim, foi lá várias vezes, umas 3, 4 vezes. Aí, virou-se para mim e disse: *“Olha Brunet, eu não venho mais. Você vai ter que se entender com o Dr. Carlos Henrique”*. *“Filho, vai, então, devolve lá o memorando, faz o que você quiser, mas eu vou falar com o Dr. Luiz Carlos, Diretor do DFAE sobre o fato e vou ver o que vou fazer”*. Só pode ter sido isso. Está entendendo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Hum, hum.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ele ter ido lá para pegar esse.... Agora ele também — ele, o Reinaldo — por algumas vezes, além de pegar lá na minha unidade a munição que lhe era destinada por direito uma vez por ano, uma caixa contendo 50 cartuchos, ele pegava também munição para treinamento e serviço operacional da Delegacia de Homicídios. Algumas vezes...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. O senhor acha que o Roberto...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Senhor?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha que o Roberto poderia estar tirando munição, ou repassando munição, de forma irregular, para o irmão dele, o Reinaldo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ah! O Reinaldo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É. Qual é a opinião que o senhor tem? Será que ele não está envolvido com esses traficantes?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Quem? O Reinaldo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, como um policial experiente...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu vou dizer.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... o que me diz desse Reinaldo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ele é bicho. Ele é bicho. O que nós chamamos de bicho na Polícia: ele prende muito. Ele pegou a Delegacia de Homicídio, segundo eu soube e ele confirmou, do sexto lugar, e levou para segundo lugar. Só faltava empatar com a POLINTER, que estava em primeiro lugar. Ele prende muito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem uma boa opinião a respeito dele?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É. Excelência, eu não... Sobre esses trabalhos, sei que ele prende. Ele é terrível lá com a moçada. Ele é um policial...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero saber o que o senhor acha? Qual é a sua opinião a respeito dele?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu acho que ele não faria isso não. Ele não faria. Ele não daria... Dar para traficante...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele era seu amigo pessoal?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Hein?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Seu amigo, ele?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, ele é amigo de todos nós lá no DFAE. Ele é muito envolvente, muito brincalhão. Era, não é, agora não está mais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Hã, hã.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Muito brincalhão, muito envolvente, muito aproximado, sabe? Mesmo fora da minha unidade, ele lá aparecia, às vezes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor disse que foi uma coisa assim violenta, de inopino, o senhor não tinha sido transferido, removido da sua unidade antes dessa operação ser deflagrada?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Tinha não. O que eu digo é que eu fui, de uma maneira intempestiva, transferido naquela sexta-feira, no dia 15, quando o Diretor do DFAE me chamou ao gabinete dele dizendo que eu estava sendo transferindo para a DRFA, para um outro órgão, momento em que ele também foi transferido — eu não sei por quê.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês foram transferidos os 2?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Foi esse dia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nesse mesmo dia, ele ligou para o senhor.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Quem?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Reinaldo.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, quem ligou para mim foi o Lorenzo. O Ovídio...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Há uma gravação do Reinaldo conversando com o senhor no dia das remoções.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Isso, é. Ele, o Lorenzo, ligou para mim: *“Brunet, eu estou vendo aqui no computador que você foi transferido”*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu falei assim: *“É, filho, aconteceu isso, isso. Foi lamentável e tal”*. Aí, depois, o Reinaldo me ligou dizendo: *“Ô, Brunet, o Lorenzo ligou para mim — coisa assim — , o Lorenzo ligou para mim dizendo que você foi transferido e o Dr. Luiz Carlos, também, Diretor do DFAE”*. Eu falei: *“É, meu filho, o que é que vai se fazer?”*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é o Lorenzo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Lorenzo é quem trabalhava comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah! Trabalhava.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Que, inclusive, aparece no *Fantástico*, que noticiou que ele era responsável pelo depósito de munições e armas.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O responsável, na verdade, era o senhor.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - O responsável. Ninguém entrava... adentrava os cofres e os depósitos de munições sem o meu consentimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu sei.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - E com a minha presença. A função do Lorenzo...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia em que o senhor foi transferido, o Reinaldo, conversando com a esposa dele... O senhor conhece a esposa do Reinaldo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Conheço, conheço. Conheço a esposa dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela estava preocupada. O senhor foi hospitalizado, quando foi transferido?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Fui, quando estava preso na DRFA.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, antes, logo que o senhor foi transferido, foi removido.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Se eu estava "hospitalado"?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Hospitalizado.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele disse para a esposa dele que o senhor tinha sido hospitalizado, porque não estava acostumado com o trabalho de rua. O senhor sabe o que mais que ele disse para ela?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Como é que é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que o senhor tinha perdido a mamata do dinheiro, por isso tinha inclusive passado mal.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É o seguinte: o Reinaldo não sabia... Ele não sabia que eu não estava mais trabalhando na van. E eu, ali na chefia, eu tinha, eu transportava passageiros para um hotel em Paulo de Frontin, Hotel Caluje, lá no Rio. E, às vezes, eu tinha necessidade de voltar na segunda-feira, e não domingo à tarde, quando encerrava....

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, perfeito.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Está entendendo? Então, ele achava que eu tinha uma mamata, ganhava meu dinheiro, que eu ganhava... A minha mamata é que eu tinha uma flexibilidade por ser chefe. Porque ele saiu um pouco, ele saiu um pouco constrangido, sabe, zangado comigo porque eu botei o nome dele na relação dos 7, a pedido do Dr. Luiz Carlos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então, pelo o que senhor nos diz, na realidade é uma grande injustiça o que estão fazendo com o senhor.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Perfeitamente, perfeitamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma armação.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Armação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É. Sim, porque o Reinaldo fala no senhor; o Lorenzo fala no senhor; até o delegado diz que tem informações de que há muito tempo o senhor vendia munição, inclusive para os próprios policiais.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Todos eles, de alguma forma, se combinaram.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, essa notícia de venda de munição, disso tudo, há 15 anos que todas as direções estão vindo....

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A sua declaração de Imposto de Renda...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...registra algum tipo de movimentação além do seu salário?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Registra, eu boto lá transporte de van, aproximadamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor tinha esse costuma de guardar dinheiro em casa?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, eu, quando na administração Collor de Mello, eu era síndico do prédio em que morava no centro da cidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - E... Também a minha sogra, em razão da tomada do dinheiro da população, daquele confisco do dinheiro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, já entendi.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu, como síndico do prédio,

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para se precaver, o seu começou a guardar dinheiro em casa..

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, eu como administrador do prédio, como todo o País tem... Eu tive enormes dificuldades de pagar os deveres e obrigações previdenciárias, trabalhistas etc., do prédio. Inclusive, pagar os elevadores. Foi uma dificuldade muito grande.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Foi uma dificuldade muito grande, como todos nós sabemos. Daquela época em diante, Excelência, eu sempre disse que o melhor lugar para guardar dinheiro é embaixo do colchão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No banco o senhor não tinha dinheiro?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Senhor?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na sua conta bancária?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Nunca botei dinheiro em banco. Nunca botei dinheiro. Sempre guardei dinheiro em casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está certo.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ou em casa ou compro alguma utilidade para casa, certo, ou faço uma outra compra, outro investimento, procurando sempre ganhar um dinheiro a mais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Da minha parte era isso por enquanto, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Brunet, tem algumas coisas que não dá para entender. Em primeiro lugar, a acusação contra o senhor é gravíssima. Não é grave, é gravíssima. A acusação é que o senhor vendia arma e munição dos estoques da Polícia para os traficantes matarem policial.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque é isso que os traficantes fazem.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No confronto no Rio de Janeiro eles pegam essas armas e munição e vão matar policial. Sem falar os outros ainda todos que eles matam.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Exatamente, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu estranho muito esse seu afrouxamento com o Reinaldo. O Reinaldo que o botou nisso aí. Porque as escutas dele, mandando o irmão dele ir lá, ter um contato com o senhor... O senhor recebia o Roberto muitas vezes?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é. As escutas estão...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aqui está muito claro. O Reinaldo está dizendo para o Roberto: *"Vai lá ao Brunet e resolve teu problema"*.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Vai ao... a quem? Ao irmão dele?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É. Ao irmão dele. Ele disse isso.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Nunca. Excelência, por favor. Não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - *"E vai às 18h, porque o Brunet vai estar lá às 18h"*.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, nunca, nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas é isso que o Reinaldo está fazendo. O senhor está dizendo que o Reinaldo é bonzinho.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu sei, é... Doutor, e ele não é uma má pessoa, não é má pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, é um espetáculo de gente!

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, pode ser, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele diz que eu sou vendedor de arma para bandido, sou vendedor de munição para bandido, e ele é um espetáculo! Eu acho ele uma maravilha! Então, ele tem razão de dizer que o senhor vendia isso.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, olha, eu... Não é possível que ele venha dizer isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, então... Não é possível! Na escuta telefônica não tem como fazer diferente.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não é possível.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí, olha só: ele liga para o Roberto, o Roberto liga para o traficante, o Coroa, o Cláudio, e diz: *“O meu irmão já resolveu tudo. Tal hora vou pegar lá a munição de AR-15, de 45, de não sei o quê”*.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, é uma coincidência louca.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele liga para o Roberto, o Roberto liga para o traficante, e o senhor diz que o Reinado é uma pessoa boazinha.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É um espetáculo essa pessoa!

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, Excelência, Excelência, pela honra do meu filho de 25 anos, a quem eu devoto, nunca fiz isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, eu não...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Nunca, nunca!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...eu não estou nem dizendo isso.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Nunca!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu estou dizendo da estranheza de ver o senhor defender o Reinaldo...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...compreendeu?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ele é uma pessoa, ele é uma pessoa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele é uma pessoa que traiu todo o conceito da sociedade.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ah, perfeito, pode ser.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele traiu os colegas dele fazendo esse contato com o irmão dele de venda de arma. E o senhor está me dizendo que ele é um espetáculo, um policial exemplar. Que policial exemplar? Policial que vende munição e arma para bandido é exemplar? Quem vende munição e arma para bandido para matar policial é um grande exemplo! É um exemplo espetacular!

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, eu não posso afirmar que ele vende isso. Não posso mesmo, porque lá de dentro, dos depósitos do Serviço de Armamento Patrimonial, munição e armas e equipamentos, nunca saíram para desvio, seja de qualquer finalidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Saíram. O senhor não pode dizer isso. O senhor mesmo disse que depois que entrega o...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ah, Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor não pode dizer coisa nenhuma.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ah, sim, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, como é que o senhor disse que nunca saíram?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, não adianta. Olha, eu tenho sangue de policial. Eu sou policial por natureza e tenho horror a gente que usa a Polícia para abastecer bandido...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...e para colocar, para matar policial. Mas, eu vou deixar continuar. Deputado Luiz Couto...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Se a Excelência me permite, por favor. É como eu disse no início: depois eu forneço a munição para o uso individual para as unidades. O seu destino, Excelência, eu não tenho controle. É muito difícil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, policial Hélio Brunet, o senhor é inspetor da Polícia Civil. Há 15 anos o senhor exerce a função de chefe do serviço de armamento patrimonial.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem fez a sua indicação para ser chefe? Quem o indicou durante esses 15 anos?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Quem sempre me indicou foram alguns chefes de polícia. Outros foram os diretores do DFAE.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No caso, há 15 anos o senhor está, há 4 Governos Estaduais, no mesmo cargo.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Exatamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Permanecer num cargo durante muito tempo é porque ou é uma pessoa que tem um conhecimento ou tem um apoio político. Quem fez com que o senhor permanecesse durante 15 anos como chefe de guarda? Quando muda de governo, há muita gente que fica querendo tomar o lugar. Dizem: *"O Brunet está lá há muito tempo. Vamos ver se agora a gente vai"*. Quem fez com que você permanecesse como chefe do serviço de armamento patrimonial?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, acredito que seja o profissionalismo, a fidelidade, a lealdade, a probidade, a decência e o tratamento com toda a instituição policial. Cuido de todos eles muito bem. Sempre oriento na área profissional com referência a armamento. Acredito que seja isso, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na sua fala, o senhor disse da relação que tinha com Prefeituras. As Prefeituras também receberam munções desses serviços de que o senhor era chefe?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - A Prefeitura de Mesquita.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. E Prefeitura tem direito a porte de arma?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Tem. É autorizado. Dão arma para ela...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era para o Prefeito?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Era para a Prefeitura, para segurança dos Prefeitos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o senhor apenas liberava?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Autorizado para liberar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem fazia essa autorização?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - O diretor do DFAE. Ou, às vezes, ele telefonava e dizia: *"Brunet, entrega tal armamento a tal pessoa ou a tal unidade"*. Respondia: *"Perfeitamente"*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mesmo sem nenhum documento o senhor... Só a fala dele?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Muitas vezes, muitas vezes.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor não acha que isso podia ser uma cilada para pegar o senhor também? O senhor recebe um telefonema: *"Olha, entrega arma para fulano; munição para sicrano"*. Ou seja, sem nenhuma autorização. Como funcionava isso?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Cumpria ordem. Sempre cumpri ordem. Mas sempre com todo o cuidado de fazer as anotações cautelares devidas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, talvez fosse uma das razões. No caso, como o senhor era cumpridor de ordem, muitas vezes não questionava. E aí era uma pessoa que poderia continuar durante muito tempo naquela atividade.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Tudo isso pode ser provado, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Muito bem. O senhor disse que por trás da sua prisão haveria interesses políticos. Que interesses políticos seriam esses?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, o DFAE, o serviço de armamento, é um órgão subordinado diretamente ao gabinete da Polícia Civil. Ouvia dizer de uns e outros que isso era uma conexão. Acredito que tenha sido isso, porque, pelo que toda a Polícia Civil, principalmente, me conhece, acho que eu deveria ser avisado dessa investigação levada a efeito, que se perdeu muito por não terem me avisado, porque eu poderia dar até subsídios para continuar adiante para conseguirmos um resultado bem melhor. Mas acredito que tenha sido isso. Outra coisa: eu não sei que denúncia. Lá onde eu trabalhava eram severas as denúncias que chegavam lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas nesse interesse político estariam os delegados de polícia. O chefe de polícia também teria interesse em que o senhor...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Chefe de polícia, acredito que não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Acredito que não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu fui muito leal a ele, muito fiel, muito leal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que, além do senhor... que o senhor era o único responsável pelo controle de entrada e saída de munições do DFAE. Ou seja, sendo exato que é em declarações prestadas em sindicância, na Corregedoria Interna, além do senhor, que o senhor disse que era o único... Mas havia um outro...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - José Benedito da Silva Abreu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...que detinha as chaves que abrem o cofre onde estão guardados os armamento e as munições. O Sr. José ficava sempre no mesmo horário em que o senhor estava ou, quando o senhor não estava lá no serviço de armamento patrimonial, ele também podia fornecer?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, fornecer não. Ele apenas me ajudava. Ele era meu substituto. Mas ele detinha a chave. Mas a chave ficava guardada no armário lacrado. Quando havia uma necessidade de eu chegar um pouco mais tarde, como às segundas-feiras pela manhã, se houvesse, nós utilizaríamos essa chave que só ele poderia pegar para abrir o cofre dos depósitos de armas e munições para atendimento diário aos policiais. Mas nunca houve essa necessidade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca houve?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Nunca houve, nunca houve.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E as 30 mil munições que, segundo averiguações preliminares, saíram sem a autorização do senhor? Como é que é isso aqui?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Sem autorização?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, sem sua autorização. Trinta mil munições...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem autorização do diretor do DFAE.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Sem autorização do diretor do DFAE.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, do DFAE.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, essas munições foram do CORE, que fazia treinamento constante. E eles me pediram essa munição. O Dr. Luiz Carlos dizia o seguinte sempre... No gabinete dele, ele me falou: *"Olha, Brunet, eu estou entrando em campanha política para Vereador em Caxias. Quando houver uma emergência, uma situação extraordinária, você me telefona, como a de fornecimento de armas, equipamento"*. Então, essa daí foi uma das autorizações por telefone que ele me deu. Ele me perguntou: *"Brunet, mas esse quantitativo de munições, nós temos?"* *"Temos"*. *"Não vai faltar no exercício?"* *"Não"*. *"Ah, então pode dar"*. Fornecemos, receberam essa munição, certo? Utilizaram ela no treinamento, fiquei sabendo. Foi isso que aconteceu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, além disso, quer dizer, também foram identificados lançamentos de fornecimento com datas equivocadas.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É. A data equivocada é o seguinte: o protocolo desse documento aí data, digamos, do dia 3, se não me engano. Eu vi lá no processo. E a munição foi dada só no dia 4, certo? Por quê? O documento chegava à minha mesa, eu ligava para o Dr. Luiz Carlos. Só que o CORE, aqui... a munição, não pegava naquele dia, pegava no dia seguinte. Só que eu tinha que transcrever no livro de recibo a data real que saiu do serviço de armamento patrimonial.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No caso, o Luiz Carlos era o chefe da...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É o diretor do DFAE.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Durante o tempo em que ele foi candidato a Vereador continuou sendo chefe?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, teve outros 2 diretores, certo? Outros 2 diretores que também determinavam assim dessa forma. Mesmo assim, o Dr. Luiz Carlos, às vezes, dizia: *"Brunet, eu falei com o diretor que está me substituindo: fornece isso, isso, isso e aquilo"*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu entender só uma coisa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, o Luiz Carlos, chefe, está afastado, telefona para o senhor, para o senhor fornecer 30 mil munições....

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, essa daí não. Essa daí já era efetivo.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do efetivo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu quero entender uma coisa: o controle era só o que o senhor lançava no livro? Não precisava vir um ofício requisitando isso?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Vinha sempre um ofício requisitando. Muitas vezes vinha a pedido verbal do Dr. Luiz Carlos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pedido verbal, sem ofício? Era entregue munição?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Às vezes era entregue.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso é brincadeira. Só pode ser brincadeira. Um controle de arma e munição da polícia, com um pedido verbal, entregava munição?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu tenho provas disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vou pedir uma auditoria imediata lá. Quero ver essa auditoria já, independentemente de processo disciplinar, independentemente de sindicância, do que for. Eu quero que o setor de material faça uma auditoria imediata. Isso é a coisa mais ridícula que eu já ouvi num controle de estoque de polícia, que a pedido verbal é dado... Quer dizer, há vários lançamentos seus no livro em que não tem o ofício acompanhando o lançamento?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Mas tem o destino dela e tudo o mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem o destino a pedido verbal. Quer dizer, aí fica a sua palavra contra ... O senhor está há 15 anos lá e não acha que isso ia estourar na sua mão?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, eu ... Muitos apelos eu fiz à Direção a respeito, certo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, há ofício seu reclamando que eles faziam pedido verbal?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Se tem ofício?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, eu tenho os funcionários, que evidenciaram sempre isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quantos funcionários há lá no setor?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Quando eu saí de lá eram 15.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quinze?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Todos eles, quando o senhor diz: *“Olha, está autorizado o fornecimento”*... Eram eles que entregavam essas armas e munições?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, tinha sempre um só, dois que ...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem eram os 2 que faziam?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eram o Fernando e o Vivas. Eram os 2.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse Fernando... Eles se encontram ainda nesse setor?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, ambos foram transferidos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para onde?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Um está na Delegacia Fazendária e o outro está no Centro de Controle e Operações.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a razão da saída, qual foi?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, em razão da saída.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas qual foi a razão da saída deles?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Tiraram o Toni em razão da minha saída. Imediatamente tiraram todos os demais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando o senhor, no caso, foi afastado, eles também saíram, foram embora?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Saíram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foram embora. No caso, o senhor... O Reinaldo trabalhou com o senhor também, durante muito tempo, não foi?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Um ano e 8 meses, aproximadamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí, depois, ele foi transferido para ...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Para Niterói. Mande ele ...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Niterói, Niterói.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, pelas informações, policial Hélio, o Reinaldo era um homem que tinha informações. E como a chave não ficava só com o senhor, mas a arma ficava com o José, e de José podia também chegar para Mané e aí... Quer dizer, muita gente podia ter cópia da chave, não é? Cópia da



chave. Então, o senhor, como teve muito tempo e era um homem que cumpria sempre ordens, o senhor recebia telefonemas de autoridades: *“Olha, eu estou precisando...”* Até da Assembléia Legislativa... O senhor disse que a munição para lá, para a Assembléia... Não sei para que tanta munição numa casa responsável pelas leis, ou seja, Prefeituras...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Defensor Público de Justiça.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Defensor público, Ministério Público, ou seja, era um arsenal de armas e munições que efetivamente saíam por essas pessoas e depois não havia o controle. Cada um lá era responsável pelo controle. Sua parte era autorizar. Depois de autorizado, o senhor fornecer. E aí cada um que se virasse. Quer dizer, não sabia se essas armas, se essas munições, por exemplo, foram...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Foram realmente para uma unidade de origem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. P senhor não sabia disso não?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, isso eu não sabia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabia, não sabia. Aí é que é o grande problema. E aí a figura do Reinaldo aparece com seu irmão Roberto, que tinha o nome de Dinamite, mas não era como Roberto Dinamite, que jogava bem e fazia muitos gols. Esse fazia o gol contra sempre. O senhor, por exemplo, conhece o Sr. Nery Homero Rossi?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, não conhece.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor... É claro que o Reinaldo o senhor conhece. Pelas informações que nós temos, ficou evidenciado que Reinaldo fazia um elo entre o senhor, o Lorenzo, o Cláudio. E isso se fazia via seu irmão Roberto. Então, o Reinaldo era como alguém que não aparecia, mas que dava as ordens e que era... Segundo as informações, seria ao homem que fazia esse elo entre o senhor, o Cláudio, o Coroa, que aparece aqui. E era o Roberto, era o taxista que fazia essa ponte. O senhor nega essa acusação?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Totalmente, Excelência. Totalmente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Totalmente.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Totalmente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas veja o seguinte...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Permita-me só uma observação?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois, não. Pode fazer.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Eu queria saber sobre esse controle de patrimônio e tudo. O senhor cuidava só das armas da polícia ou das armas apreendidas também?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Das armas apreendidas, que eram enviadas do depósito de armas apreendidas para o setor de armas do patrimônio — que era o meu, certo?— para fornecimento de armas apreendidas.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não entendi.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Porque é o seguinte: no DFAE, além do serviço de armamento patrimonial — quer dizer, eu só cuidava de patrimônio —, existe também um setor junto ao DFAE, que é o Serviço de Acautelamento de Armas e Munições. É o setor que acautela, guarda armas apreendidas à disposição dos feitos — militares, policiais e Judiciários. Lá, atualmente, devem estar em torno de 150 mil armas.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Cento e cinquenta mil armas.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Acredito que esteja já assim.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Que era sob sua responsabilidade.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não. É outra responsabilidade.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É outra responsabilidade?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Outra responsabilidade.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Mas é do mesmo diretor.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Mesmo diretor, que é de outra responsabilidade...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Quem era o responsável por isso?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Atualmente era o Dr. Luiz Carlos, que era, na realidade...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não, não, mas essa outra... O Dr. Luiz Carlos era o doutor...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ah, esse era um funcionário policial chamado Jorge. Era o último que atuou como responsável. Inclusive eu tenho um



conhecimento. Eu fiquei sabendo que, após a destruição das 100 mil armas no Estado do Rio de Janeiro, na época, no ano de 2000... Eu fiquei sabendo que aquilo ali foi um trabalho muito malfeito, sabe? Adentraram esses depósitos. Sempre a imprensa, muito a imprensa, muita gente, sabe? Aquilo ali é um depositário fiel do Estado, como eu sou. Ali não se poderia deixar, como sempre aconteceu, muita gente entrando. E parece que alguns pedidos da Justiça para a apresentação de armas, para a exibição em plenário não ocorrem, porque a arma não está mais no depósito. Não sei o que... Eu sei que se abriu uma sindicância para verificar o desaparecimento, o que está acontecendo ali. Mas, como não é um serviço afeto a mim... É do DFAE, mas não é afeto a mim. Inclusive, eu nunca quis entrar ali, porque não era meu. Aquilo ali... Eu não gostava do que eu via, muito descontrole. Eu fiquei... Então, existe esse outro órgão de controle também.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Então houve desvio de armas ali? Porque, se elas não apareceram, elas sumiram.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Exatamente.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Houve desvio de armas ali.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - E outros equipamentos também.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E tem o levantamento? Foi feita uma auditoria logo para ver tudo isso?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Parece que estão fazendo lá um...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não, mas estão fazendo agora?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Há uma sindicância. E parece que há um procedimento objetivando verificar...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sim, mas quando foi pedido em juízo a apresentação da arma e ela não aconteceu?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ela não aconteceu, e aí o diretor foi conversar com o juiz a respeito disso. Eu não sei mais nada.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sim, o diretor não instaurou imediatamente uma sindicância?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Instalou. Tem lá uma sindicância aberta.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Quando não apareceu a arma em juízo?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Há muito tempo que essa sindicância está aberta.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É? E o que essa sindicância disse?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não sei o resultado. Não sei. Não sei o resultado. Ali é um outro órgão, de 150 mil. O meu tem em torno de 20 mil armas. Atualmente deve estar lá com um estoque de 2 milhões de cartuchos de toda espécie de calibre. Mas lá embaixo, nesse setor de acautelamento de armas, havia 200 mil armas. Foram destruídas 100 mil, depois mais 8 mil. Deve estar em torno de 150 mil armas. Mas também tem muita munição, muitos equipamentos. Lá é um setor bem grande, bem expressivo e sempre se deslumbrou. Lamentavelmente, algumas irregularidades nesse aspecto de cautelas, controles...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor diz que nesse depósito judicial muita gente entrava.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - A imprensa, então, desde 1992.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor diz que, além de munições e armas, desapareceram outras peças. Que peças foram essas?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Contam que desapareceram armas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E como é que o senhor soube disso?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ah, pelos colegas que trabalham lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Colegas de trabalho, os colegas de trabalho. E essas armas desaparecidas... Foi identificado o lugar para onde elas foram?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não. Eles estão tentando identificar isso através dessa sindicância, desse procedimento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Casa que todo mundo entra... Lá no Nordeste chama-se casa de Noca. Aparece todo mundo, mandava e entrava lá. Queria saber do senhor, policial Hélio, o seguinte: o senhor, como policial durante...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Quarenta e três anos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...quarenta e três anos, o senhor sabe que armas pertencentes às forças policiais — Polícia Civil, Militar, Forças Armadas... Muitas vezes essas armas são desviadas e chegam ao crime organizado.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Isso.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor, como policial, durante esse tempo... O senhor poderia nos ajudar. Por exemplo, é importante que nós possamos ver. Quer dizer, como é que essas armas chegam a esses traficantes de drogas e outros membros do crime organizado? Como é que é isso aqui? É roubo ou tem alguém que facilita?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, o fato é o seguinte: pelas armas apreendidas nesse universo criminoso, 99% são armas de procedência estrangeira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estrangeira.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Assim como a munição apreendida, a maioria é de procedência estrangeira. Então, são as fronteiras que têm de ser viajadas, as aduaneiras terrestres, marítimas, porque a maioria delas é de procedência estrangeira. Um por cento é nacional. É o furto no quartel, certo?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - São as armas furtadas de viaturas policiais. Mas 99% são de procedência estrangeira. Eu posso dizer até o nome: o AK 47, o Fuzil AR-15, o Fuzil G3, o HK G3 etc.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pela informação que nós temos daquela chamada Operação Navalha na Carne, ela conseguiu identificar também a presença de policiais militares e civis, agentes, envolvidos com o crime organizado. E, pela informação, 200 agentes... Quer dizer, entre agentes da Polícia Civil e policiais militares, teriam sido presos, só naquele ano, 200 agentes — presos esse ano. Também esses agentes... é claro que favorecem a chegada de armas. Essas armas que ficam acauteladas pela Justiça nesse depósito também podem... Como não há um controle, não há um controle dessas armas, elas podem chegar também às mãos de policiais — porque algumas dessas armas que foram apreendidas eram armas que tiveram seu número de registro raspado. Então, significa que alguém entregou lá. Quer dizer, não somente... E também nós investigamos aqui que, infelizmente, aí sim, essas armas que vêm também de fora, ou tem um traficante de armas internacional, mas também tem a presença, infelizmente, de policiais civis e militares, que estão a serviço do crime. É verdade isso mesmo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - As armas de procedência estrangeira apreendidas com os marginais... elas, quando chegam ao DFAE, nesse serviço de



acautelamento de arma, nesse depósito de armas e apreensão, recebem um número. Chama-se número de acautelamento. Daí elas passam a vigorar com aquele número. Mesmo quando elas são enviadas para o serviço de armamento patrimonial para serem fornecidas em cautela, aquele número sempre prevalecerá para o uso policial, operacional.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Uma outra coisa que queria ver com o senhor... Lembro o seguinte: o senhor foi preso. Qual foi a data de sua prisão?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Fui preso dia 20.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vinte de...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Julho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De julho deste ano?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem são seus advogados? O senhor tem advogados?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Tenho sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem são seus advogados?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Meu advogado chama-se Mário Peixoto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor mesmo está pagando a ele ou é a Corporação?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, eu estou pagando, com muito sacrifício, assim como... Esse advogado tem um escritório. Por não haver dinheiro, fizemos um grupo — o próprio Reinaldo, o Lorenzo —, pagando, todo mundo, com dificuldade. Levamos tudo a ele — ele é um excelente advogado —, ao escritório dele, aquela história, associado. Ele está fazendo a nossa defesa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E tem ajuda de amigos também, para pagar essa ação do advogado, do escritório?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, senhor. Está muito difícil.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor diz que essa acusação feita contra o senhor, pela sua história, ou teria interesse político... E o senhor já colocou o que seria esse interesse político. Mas também deixou transparecer que tentaram dar uma rasteira no senhor. É isso mesmo?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não acredito, não. Ninguém faria isso. Se eu fiz o bem ali, nunca...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, mas é porque, na sua fala, deixou transparecer isso aqui, que havia gente querendo dar uma rasteira para tomar o lugar onde o senhor estava há 15 anos. Não é isso?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, isso seria o que pode ter havido ali. Sabe o que é também? Com a proibição, com a lei de proibição de armamentos, de apreensão, nós tivemos que recolher quase 300 armas que foram fornecidas após a lei. E houve um descontentamento geral na Polícia Civil, assim como... Até na Justiça tivemos que recolher de um juiz, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, porque a Polícia Civil também fornece armamento para a Polícia Militar, por incrível que pareça. Houve um descontentamento. Eu adquiri ali, nesse período, que foi no ano de 2003, alguns descontentes, alguns dissabores. Eu sei que eu adquiri isso, porque eu tive que recolher a arma de volta. Elas teriam que ser enviadas ao Exército para destruição, em cumprimento à lei das armas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senho falou do Ovídio Lorenzo, o Lorenzo. Há, na escuta feita, um contato do Reinaldo, falando e ligando para o Roberto, pedindo para o mesmo que encontrasse com o Lorenzo para pegar um carburador e entregar para o Cláudio. Na linguagem policial, carburador é mesmo o carburador? Pegar um carburador...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É. Comentando a respeito, ele realmente queria o carburador, um carburador. E eu não vislumbro nada que não seja um carburador. Não entendi. Parece que o preço do carburador é mil reais. Eu não vislumbro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, mas veja o seguinte: é estranho que esse carburador... Ou seja, ele podia ir a uma loja comprar um carburador. Não precisaria ligar para outro. Ou seja, para pegar um carburador e entregar para o Cláudio — Cláudio, o Coroa, que era a ponte em que as armas e as munições chegavam para os traficantes. E aí Roberto liga para Cláudio, dizendo que iria até a sua casa, pois precisava falar-lhe pessoalmente. Ou seja, vai vender um carburador, para que falar pessoalmente? Depois Roberto fala com Reinaldo. Veja que a coisa... O senhor parece que estava... Se o senhor diz que todas as acusações contra o senhor não são reais, o senhor está no meio de uma raça de víboras.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Entendi, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Entendeu? Que poderia ter a confiança e poderiam estar fazendo sua cama.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Furtando até ali, e eu não sabia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Isso. Mas Roberto fala com Reinaldo e avisa que vai levar o dinheiro pessoalmente. Que deu 3 parafusos e foi mil reais. Ou seja, na realidade, nessa linguagem... E aí, nas declarações de Roberto, Roberto afirma que no dia 19/07 pegou 3 caixas de munição com Lorenzo, a mando de Reinaldo, e as vendeu para Cláudio. Onde é que Reinaldo conseguiu essas caixas de munição? Ou seja, a vinculação novamente: Lorenzo, Reinaldo, Cláudio, Roberto. Ou seja, um quarteto que estava negociando e fornecendo armas para o crime organizado. Eu queria ainda... O senhor disse que não guarda dinheiro no banco. Mas o senhor, como servidor público, o seu salário é depositado numa conta. Não é isso?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Perfeitamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual é a sua conta? O senhor tem conta em que banco?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Itaú.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só tem conta no Itaú ou teve conta em outro banco?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, só no Itaú.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o senhor abre o sigilo bancário do senhor?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Perfeitamente, senhor, perfeitamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, vou pedir... Mas, qual é a finalidade, mesmo o senhor dizendo que a maior segurança é guardar? Hoje o que tem de assalto em casa, de arrombamento! Guardar 23 mil reais e dólares em casa?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, 20 mil reais e 400 dólares.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. E alguns dólares, 4 mil e... O senhor acha que isso não seria mais importante, quer dizer, o senhor colocar isso numa poupança ou outra aplicação? Por que ficar com esse dinheiro em casa?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, eu posso explicar. Como eu disse, eu fui vitimado, na época do Collor de Mello, com a apreensão de dinheiro. Eu



não tinha dinheiro na época. Mas eu observei muitos amigos perderem muitas coisas, e eu vi as dificuldades que eu tive da administração do prédio. Eu era síndico. Eu achei aquilo uma tremenda agressão, e de lá para cá eu nunca mais guardei dinheiro em banco. Meu dinheiro é todo guardado em casa, embaixo do colchão. Todo dinheiro que eu ganho, ganhei, ganho, fazendo serviço paralelo de segurança, eu guardo em casa ou compro algo que me possa ser útil.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que não conhece o Sr. Cláudio, conhecido como Coroa?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não conhece? Não conhece também o Sr. Nery Rossi?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Também não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem ligação nenhuma? Conhece o Reinaldo e o Lorenzo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - O Ovídio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o José também?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - José?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O José que trabalhava lá. O José Benedito de Abreu.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - José Benedito também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Conhece também. O senhor conhece o tenente-coronel Marcos Aurélio, do 6º Batalhão da PM?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não conhece? E esse Jorge que o senhor falou? Que Jorge é esse?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É o Jorge Rosas, Jorge Rosas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Esse Jorge Rosas é um policial também. Vim conhecê-lo na prisão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor não tinha nenhuma ligação com ele?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não. Conheci ele lá no Ponto Zero. Apresentaram-me a ele.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Uma outra figura que aparece com destaque — e é a última pergunta que vou fazer — é o Reinaldo. No dia 24/05, Reinaldo condiciona a ida de Roberto até o DFAE, “*caso o Brunet ligasse para cá*”. Está lá nas conversas. O que foi confirmado em ligação horas depois, afirmando que o mesmo estaria por lá por volta das 18 horas. Ou seja, analisando essa passagem com a conversa já citada entre Cláudio e Roberto, Cláudio teria reclamado da qualidade e da quantidade das munições oferecidas por Roberto, dizendo para eles mandarem pouco, mas mandarem parada boa. Estão reclamando de que as munições que estavam sendo fornecidas não eram de boa qualidade, embora mandassem muita. Mas eram de péssima qualidade. Então, eles queriam poucas, mas queriam parada boa. Roberto justificou dizendo que vem o que eles podem pegar lá dentro. Ou seja, pegar lá dentro. Aí está uma organização. Não estou dizendo que o senhor estaria, mas que, dentro do DFAE, há uma quadrilha, que estava pegando munições e armas. E, quando se faz isso às escondidas, normalmente se pega sem ter o controle de qualidade. Pega um monte aqui, outro lá. Então, é importante. E acho que essa identificação... Porque veio o que eles podem pegar lá dentro. O que a gente pode deduzir dessa afirmação? Que as munições eram disponibilizadas para Cláudio, por via do Sr. Reinaldo, que o senhor, no momento, fazia a defesa dele.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Perfeitamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa defesa do Cláudio, que o senhor faz, ela deixa o senhor em maus lençóis, defendendo uma pessoa...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Estou percebendo isso, Excelência. Estou percebendo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO – Reinaldo... é a dupla Reinaldo/Roberto. Parece nome de jogador de futebol, mas não é. Era gente a serviço do crime. E, conforme eram disponibilizadas, aí é que entra no DFAE dizendo via Brunet e, posteriormente, via Lorenzo. Então, essa acusação aparece nas falas. Quer dizer, o senhor vai ter que explicar muito essa questão dessa relação Lorenzo, Reinaldo, Roberto. E aí aparece numa ponta lá o Cláudio. Mas tem a figura, que é o senhor, que era o chefe, que diz que tudo que estava lá, que eles conseguiam tirar de lá tinha sua autorização. Ou seja, é preciso investigar isso aqui, porque, na realidade, é muito preocupante que um serviço de guarda de armas... Ou seja, são muitas vezes



armas que não podem... que devem ser usadas para pessoas que combatem o crime. Infelizmente essas armas estavam chegando ao crime organizado do Morro do Turano e de outras regiões do Rio de Janeiro, a serviço do crime organizado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Jovino.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Sr. Hélio, o que é garrafão de vinho de quatro litros e meio?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não sei. Não sei. Ouvi isso no processo. Ouvi o depoimento deles, está entendendo? Eles disseram no depoimento que é vinho. Não sei dizer o que é.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Cenoura?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Como?

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Cenoura?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Também não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Também não sabe? Óleo de soja de 3,80?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Também não sei. Tudo isso... eu assisti ao depoimento. Eles disseram que era cenoura, era cenoura mesmo. O depoimento está muito truncado a respeito.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Sr. Hélio, disseram também que o senhor era a raposa no galinheiro. O senhor se considera uma ex-raposa do galinheiro ou foi a raposa do galinheiro?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, como assim, a raposa... Como? Eu não...

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Não, eu gostaria de saber se o senhor concorda com essa... O senhor leu os depoimentos que...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Isso aí, não. Não li, não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Não?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não li nada disso, não. Isso aí, não lembro. Não li.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Não lembra?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu era a raposa no galinheiro?

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - É. É o que está aqui: a raposa no galinheiro.



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não sei nada a respeito, não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Não sabe nada a respeito.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não. Disso, não.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - O senhor era sócio do Sr. Nery?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, senhor. Nunca. Nem conheci o Sr. Nery.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Não conhecia o Sr. Nery?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não conheci o Sr. Nery.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - E Dinamite?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Também não. O Roberto, que era o Roberto Dinamite...

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Ah, o senhor sabe quem era o Roberto?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - O Roberto, eu sabia, porque eu li o depoimento. Sabia que era o Dinamite, que a juíza perguntou.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Ah, sim. Mas o Sr. Presidente da Comissão perguntou ainda há pouco, o senhor não sabia. Não soube dizer...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não, o Sr. Presidente perguntou se...

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - ...se ele tinha algum apelido.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - ...eu conhecia o Roberto.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - O senhor conhece o Sr. Roberto.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Conheço o Roberto, que eu fui apresentado por ele, na porta da Polícia Civil, quando todos saímos do DFAE, e ele estava lá esperando o Reinaldo, irmão dele, para dar uma carona a ele. Aí ele nos apresentou.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Esses 4.400 dólares... É procedência do quê?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu os tenho há muito tempo. Trabalhamos com turismo.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Turismo?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Trabalhei com turismo muitos anos.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Ah, o senhor tem uma empresa de turismo?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não tive uma empresa de turismo, não. Mas eu sempre trabalhei com segurança nessa área também, de turismo. Trabalhei muitos anos. E eu tive uma van, uma van Mitsubishi, comprada a duras penas. Não consegui pagar, tive que devolver, também trabalhando com turismo. Sempre praticando serviços paralelos de segurança ou turismo.

O SR. DEPUTADO JOVINO CÂNDIDO - Por enquanto é só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor fazia segurança para quem?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência, são tantos anos de segurança! Eu trabalhei durante 12 anos numa empresa chamada Igrotec. Fica na Penha, lá no Mercado São Sebastião. Eu trabalhei no Supermercado Pague Menos, durante 10 anos, fazendo segurança. Eu trabalhei no jornal *Correio da Manhã* — extinto —, no Rio de Janeiro. Eu trabalhei muitos anos no jornal *Correio da Manhã*, fazendo segurança. Eu trabalhei muitos anos no Clube Guanabara, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Eu trabalhei durante muitos anos na empresa... é... Até esqueci o nome dela, mas vou lembrar dela. Também muitos anos. Eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - ...sempre trabalhei com segurança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Diga-me uma coisa: quando o senhor comprou sua van?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sua van.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - A primeira van, eu comprei em 1994. Comprei uma Mitsubishi financiada em 36 meses. Pagava, na época... O dólar estava estável, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí, o senhor teve que entregá-la?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, eu tive que entregar. Não consegui pagar, sabe?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quanto tempo depois de adquiri-la?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Porque eu não consegui pagar, porque houve um *boom* no negócio de van. Aí eu troquei com um colega, Paulo Naja. *“Paulo, você continua pagando...”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quanto tempo depois que...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Uns dois anos e pouco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Uns 2 anos. Então, até 96.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Noventa e sete, por aí assim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Noventa e sete. E depois o senhor teve outra van?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Tive. Uma Townerzinha. Uma Towner.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Uma Towner

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Uma Towner, que era do Paulo. Ele trocou comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que era do Paulo. Trocou com o senhor. O senhor tem essa van até hoje?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, eu vendi ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando o senhor vendeu?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Tem 1 ano... mais ou menos 10 meses, aproximadamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Um ano, 10 meses que o senhor a vendeu.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, o senhor parou de trabalhar com van?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Trabalhava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí o senhor parou de trabalhar com van?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu trabalhei com ela. Trabalhava por causa da perna, do joelho, que eu operei, botei uma prótese.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor parou quando?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Esta data mesmo: 1 ano, 10 meses, aproximadamente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Um ano, 10 meses. O senhor foi tirado lá do serviço quando?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Dia 15 de julho, às 19 horas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De julho. Então, faz o quê? Faz uns 3 meses. Isso.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, 3 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Três meses. Por que o Reinaldo, quando falou com a sua esposa, disse que o senhor tinha perdido a mamata?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, aí não é para minha esposa, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não foi? Está aqui. Ah, com a esposa dele. Isso.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - A esposa dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que ele disse que o senhor tinha perdido a mamata...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Porque ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...do dinheiro?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Porque ele sempre soube que eu sempre trabalhei com serviço de segurança e com serviços correlatos à polícia, paralelos. E ele pensou, provavelmente pensou: bom, agora ele vai poder perder uma mamata, agora, a direção de lá. Vai ter que, agora... Como é que ele vai fazer agora para justificar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que a direção de lá era mamata?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Ele, ele teve... Provavelmente ele falou mamata pela flexibilidade que se tem, Excelência, de eu ter uma flexibilidade, poder chegar, sair mais tarde...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas, se o senhor quisesse flexibilidade, o senhor se aposentava, porque já tem tempo de sobra.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, mas eu... A gente gosta da polícia. Eu gosto de estar lá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu sei todo esse negócio do gosto. Eu sei. Mas, a partir do momento em que ele disse “*perdeu a mamata*” e que ele disse para o irmão dele que o senhor consegue as armas e munição...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, eu estou interessado num outro ponto. O senhor colocou aqui — e isso me interessa — que o serviço de cautela, o depósito dos.... Eu não sei bem o nome. Como é que é?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Serviço de Acautelamento de Armas e Munições.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Serviço de Acautelamento de Armas e Munições. Que lá tem havido desvios. Como é que isso está ocorrendo? O que está acontecendo? O senhor que está há 15 anos, lá do lado dele?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, quando eu soube disso... Isso datou da época da destruição das 100 mil armas, porque lá adentrou muita gente, sabe? Então, de lá para cá, aquele zunzum, é...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E será que destruíram 100 mil armas ou botaram algumas ali na conta? Distribuíram 90 mil. Dez mil que tinham sumido entraram na destruição? O que o senhor acha?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Aí, eu não tenho nada a dizer, Excelência. Sinto muito, mas aí eu não posso dizer nada. Não sei não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, tem que...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Porque isso aqui, esse serviço das 100 mil armas, não era nada afeto a mim, sabe?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas o senhor está do lado lá, o senhor tem o diretor lá falando com o senhor.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que eram os 2 chefes. Era o chefe desse serviço de acautelamento e o chefe do patrimonial, que era o senhor.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, o chefe...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vocês deviam ter reunião juntos e deviam ter...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, não tinha, não. Não tinha. Não tinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tinha reunião? Nunca?



O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Não, senhor. Todo o serviço da separação das 100 mil armas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, nós vamos ter que chamar esse diretor aqui, viu?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É Dr. Fernando Oséas. Fernando Oséas. Essas mil armas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E quem é o Luiz Carlos dos Santos?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É o ex-diretor do DFAE.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É esse que me interessa. Esse é que me interessa de vir para cá, para saber o que está acontecendo.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Mas o Diretor do DFAE, o Dr. Luiz Carlos, com referências às 100 mil armas, ele nada sabe. As 100 mil armas foi na época do Dr. Fernando Oséas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - As 100 mil armas foi na época do Sr. Fernando...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Dr. Fernando Oséas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, e de lá para cá, agora, com a sumida de armas?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É, então as 100 mil armas... elas eram separadas para destruição por um grupo, organizado pelo Dr. Fernando Oséas, que ficava afeto ao gabinete do diretor e ao Serviço de Acautelamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o que o senhor me diz? Teve alguma irregularidade nessas 100 mil armas?

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Se teve?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Eu prefiro...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, o senhor tem que preferir dizer a verdade.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - É a verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor, por acaso, quer que a gente faça uma reunião reservada, para ficarmos só os Deputados e o senhor, para a gente falar mais à vontade e o senhor não ser responsabilizado? Porque na



reunião reservada o senhor não tem responsabilidade perante a Justiça. Se o senhor preferir, eu posso colocar os Deputados... Tenho certeza de que eles vão acatar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, ele colaborando com a CPI teria, inclusive...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, inclusive tem a vantagem de o senhor colaborar conosco.

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Estou sempre pronto a colaborar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Exato, mas nesse caso aí, dessas informações que o senhor poderia repassar em caráter reservado, nós conversaríamos aqui, então, sem imprensa, sem...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Até outras muitas informações eu tenho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, vamos...

O SR. HÉLIO SCIELZO BRUNET - Muitas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, eu coloco em discussão o pedido de transformação em reunião reservada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Acho importante, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em votação.

Aqueles que aprovam permaneçam como se acham. *(Pausa)*

Aprovado.

(A reunião pública transforma-se em reservada.)